

ESPERANÇA CRISTÃ
E ESPERANÇAS HUMANAS

Padre Roger-Thomas Calmel, OP

Falsos Cristos e falsos Profetas surgiram no Ocidente e no Oriente.

De muitos lados nos é prometido o paraíso na Terra. Em particular, é prometida a libertação total para esta terra e para esta vida, a destruição de todas as servidões, tanto externas quanto internas, e a reunião harmoniosa e feliz de todos os homens, finalmente regenerados e transfigurados.

Diante destas digressões fatais e para não nos deixarmos levar pelo erro, não é inútil recordar, o mais claramente possível, a natureza da Esperança cristã e a sua relação com as esperanças humanas.

O objeto da Esperança Cristã é propriamente sobrenatural e teológico; Consiste na vida eterna, na felicidade eterna com Deus.

A razão da Esperança Cristã é também sobrenatural e teologal: é a ajuda divina, a onipotência da graça de Jesus Cristo.

Podemos observar, pela leitura de alguns textos do Novo Testamento, que, diferentemente dos antigos profetas, Jesus não prometeu aos seus fiéis uma família harmoniosa e próspera, nem o esmagamento dos seus inimigos, nem a honra…

Suas promessas diferem significativamente do quadro idílico da felicidade dos justos encontrado nos profetas, nos salmos e, em geral, em todas as passagens do Antigo Testamento, que nos mostram o fiel de Javé como alguém que encontra, mesmo nesta terra, recompensa e sucesso.

Vamos considerar como os antigos profetas e o Filho de Deus falaram de maneira diferente durante o período de ocupação.

Jesus Cristo estava se dirigindo aos judeus sujeitos ao Império Romano. Agora, Ele não faz nada para libertá-los do jugo dos romanos. Ele lhes contou outra coisa.

Essa outra coisa, isto é, o Reino Espiritual, interessava apenas a um pequeno número: quantos tinham Esperança Sobrenatural?

Jesus Cristo santificou a ordem das nações terrenas, mas ele não veio segundo a ordem temporal e as nações terrenas. Meu reino não é deste mundo.

Há uma infinidade de bens muito importantes, perfeitamente honestos e desejáveis sobre os quais Jesus não fez nenhuma promessa aos seus discípulos.

Que os Evangelhos e as Epístolas de São Paulo sejam consultados de todas as maneiras, e não será encontrada uma única promessa referente a bens temporais.

Que conclusão pode ser tirada? Que esses bens não contam? Que não devemos esperar ou trabalhar para obtê-los? Não, definitivamente não. Nem os Evangelhos nem São Paulo pretendem algo assim; Dizem até mesmo em um ponto, sobre o ponto capital do matrimônio e da família, que este primeiro dos bens terrenos é da mais alta importância e dignidade. Vamos antes reler a Epístola e o Evangelho da Missa de Casamento.

Da mesma forma, em relação à sociedade civil, o Senhor nos faz compreender sua necessidade e nos pede que trabalhemos por sua preservação quando nos pede para dar a César o que é de César.

Os Evangelhos e São Paulo nos ensinam, porém, que Deus enviou seu Filho não segundo a ordem dos bens da natureza, mas segundo os bens da graça.

As promessas que nos foram feitas, que são infalíveis, referem-se aos benefícios da graça.

Em relação a tais bens, isto é, a felicidade eterna, a união com Deus desde já, a vitória sobre o pecado, Jesus nos fez promessas que não poderiam ser mais formais, e as selou com seu próprio Sangue.

Jesus Cristo veio segundo a ordem da Caridade, não segundo a ordem dos espíritos e dos corpos.

A consequência é esta: Jesus não nos dá nada a esperar, nem mesmo os melhores bens terrenos; Ela nos dá esperança nos bens celestes e, quanto aos bens terrenos, coloca em nossos corações algumas disposições para esperá-los, possuí-los ou renunciá-los.

Jesus não nos diz que os bens terrenos não têm valor, pois na verdade são bons. Ela nos ensina a infinita superioridade dos bens celestiais e nos diz como sermos bons na preocupação, na privação ou na posse de bens terrenos.

O que ela nos concede é, como diz a oração do terceiro domingo depois de Pentecostes, passar pelos bens temporais para obter os bens eternos.

Os bens terrenos, depois do primeiro pecado, encontram-se numa situação muito particular: a harmonia que existia entre o homem e esses bens terrenos (como o amor, o trabalho, a justiça na sociedade), essa harmonia foi profundamente perturbada.

É normal que cada um dos homens tente restabelecê-lo. Mas não há certeza de que ela será restabelecida de forma infalível ou duradoura.

É natural esperar isso e trabalhar para alcançá-lo. Mas é muito mais importante esperar por essa restauração com nossos corações fixos no alto.

É necessário esperar estes bens terrenos de modo cristão, isto é, não esperá-los nem como definitivos nem como suficientes, e compreender que eles exigem estar ligados à esperança dos bens eternos.

A esperança cristã não muda as leis das esperanças humanas, essas leis humildes devido ao nosso estado decaído; Mas ela purifica essas esperanças, alivia-as, guia-as e coloca-as no seu lugar.

A grande questão para os cristãos em relação aos bens passageiros é se eles estão de acordo com a vontade de Deus, se são naturais e desejados por Deus para nós.

Se a resposta for sim, a consequência será desejá-los segundo Deus e, se necessário, dar a vida para defendê-los.

Por bens transitórios não queremos dizer, antes de tudo, dinheiro e riqueza, mas sim esses bens infinitamente mais preciosos que tornam nossa terra de exílio habitável.

Os bens que passam consistem, em primeiro lugar, numa família honesta e feliz; uma profissão organizada de tal forma que o homem possa desenvolver seus talentos e ao mesmo tempo servir à comunidade; uma pátria livre e cristã onde a honra governa a lei; as liberdades e franquias dos órgãos intermediários; um Estado que finalmente garanta uma paz justa.

Tais bens são caros a Deus, e Deus quer abençoá-los; enquanto Deus nunca abençoou riquezas e tesouros de ouro ou dinheiro; não que esses tesouros não importem de forma alguma; Eles contam, mas como um meio simples e são até mesmo um meio muito perigoso.

Dado o objeto da Esperança Cristã, é compreensível que ela possa subsistir em meio à privação de bens transitórios, mesmo os mais humanos, os mais normais, os mais conformes à lei natural.

Se nossos desejos forem direcionados para o céu pela esperança cristã, então, quando até mesmo tudo o que tínhamos o direito de esperar desta terra estiver perdido para nós, seremos capazes de não ficar furiosos ou enlouquecer de raiva, porque esperamos que a coisa mais importante não falte... A coisa mais importante é para depois da morte.

Tentaremos, se possível, garantir que esses bens terrenos não nos escapem, ou que nos sejam devolvidos, mas não cederemos ao desespero e nos lançaremos em empreendimentos revolucionários se nada nos for devolvido e se tudo nos escapar: pois a parte fundamental permanece inatingível.

Todos aqueles a quem a existência mentiu e que continuaram a esperar no Senhor sabem que isso é verdade.

Maridos e esposas traídos, pessoas inocentes condenadas e vendidas, os pobres explorados, roubados e arruinados; Todos estes, todas as lamentáveis vítimas de ofensas e humilhações, experimentam, se são cristãos, que a quebra das esperanças terrenas não destrói, mas, pelo contrário, fortalece a Esperança da Pátria Eterna.

Nem consegue destruir o valor de trabalhar nas coisas terrenas de acordo com a lei natural, se Deus ainda o pede.

Por outro lado, aquele que cuida dos bens segundo Deus, segundo a lei natural, em virtude das provações inevitáveis, é constantemente chamado à Esperança Celeste; Dizemos bem se é verdadeiramente segundo Deus que lida com os bens de acordo com a lei natural.

Que pai, que mãe, por exemplo, querendo educar os filhos na retidão e na religião, encontrando mil obstáculos, dentro de si, dentro dos filhos e no mundo que os cerca, sofrendo inevitáveis separações, inevitáveis lutos, não compreendeu que o lugar da família definitiva e perfeita se encontra somente no Céu, na sociedade do Pai, do Filho, do Espírito Santo e na comunhão dos Santos, que finalmente se tornou transparente?

Que homem de bom coração, que prudentemente, mas firmemente, quis mais justiça na instituição da qual faz parte e que se choca com todo tipo de resistência injusta, percebendo que tudo continua ameaçado, não teve que entender que o lugar da justiça perfeita não poderia ser aqui embaixo e aspirou à Cidade Celestial, a Nova Jerusalém?

Todas estas observações visam salientar, antes de tudo, que se a Esperança Cristã tende para os bens eternos, ela não nos impede de desejar os bens segundo a lei natural, mas nos faz desejá-los sem fúria; assim como a aplicação segundo Deus às tarefas temporais restaura a Esperança dos bens eternos, se ao menos a aplicação for segundo Deus.

É por falta de verdadeira Esperança na Eternidade e porque inconscientemente transferem a Esperança Eterna para os bens terrenos, mesmo os justos e bons, que é devido a tal declínio da Esperança que tantos cristãos oscilam entre a revolução e a inércia, as tentativas absurdas de subversão e a instalação confortável em injustiças que produzem lucro.

Se fossem animados pela verdadeira Esperança, seriam capazes de um esforço por justiça que fosse ao mesmo tempo ardente e paciente, ardente e calmo.

Consideremos agora o motivo da Esperança Cristã.

Ela não reside na natureza, nas circunstâncias e nos acontecimentos, mas na Graça todo-poderosa que o Pai nos concede em seu Filho, na Redenção superabundante operada por Jesus Cristo.

A esperança cristã nos dá a certeza não apenas do Céu, mas também da graça, qualquer que seja a situação em que o Pai celestial nos colocou, nos elevou ou nos reduziu.

Disto deriva uma atitude extremamente firme em relação às responsabilidades temporais que Deus quer para nós. Em virtude da Esperança Cristã, esperamos ter Graça suficiente para sermos fiéis a Deus, não apenas na oração ou nas obras apostólicas, por exemplo, mas também no cumprimento honesto do fardo terreno que Deus nos confiou.

Ao nos fazer contar com a graça todo-poderosa, a Esperança Cristã nos impedirá de desistir. Se tivermos, por exemplo, de lutar pela manutenção de uma instituição de lei natural ou pela sua reforma, esperaremos que a graça nos dê a capacidade de lutar puramente, de retomar a batalha independentemente dos fracassos e, se a batalha se revelar impossível, de não trair nos nossos corações, através do ódio ou de algum desespero obscuro, uma instituição de lei natural amada por Deus.

A Esperança Cristã, justamente por se apoiar na graça de ser fiel ao que Deus quer neste momento em tal situação, nos permitirá não declarar precipitadamente que a batalha é impossível. A batalha continuará ou será retomada sem desânimo e sem problemas, não só porque teremos os recursos da natureza, mas também, e mais ainda, porque teremos os recursos da graça, que nos farão ser fiéis nesta batalha amada por Deus.

O verdadeiro discípulo de Jesus Cristo não se deixará abater pela terra: tal atitude seria covardia e não fidelidade.

Mas o verdadeiro discípulo sempre será elevado por uma esperança que está além da Terra. Nas mais intensas e cruéis lutas e traições, ele se lembrará das promessas que fizemos a Jesus Cristo.

Garantido por estas promessas, o verdadeiro discípulo não é, apesar de tudo, surdo às promessas que esta terra lhe faz, mas é capaz de ouvi-las sem vertigem; Da mesma forma, não é insensível quando a terra indiferente ou pérfida trai as justas promessas que fez, mas é capaz de não enlouquecer nem se enfurecer com essa ruptura e essa decepção.

As promessas que fizemos a Jesus Cristo, e que o verdadeiro discípulo persevera em escutar no segredo do seu Coração, não são arruinadas por promessas e esperanças terrenas.

Em vez disso, mais do que nunca, ele espera em Jesus Cristo para não desesperar de tornar a Terra, mesmo que seja só um pouquinho, menos indigna do Reino de Deus.

O verdadeiro discípulo viu o que é a terra e, como o Mestre, sabe o que há no homem. Ele sabe que para milhares de seres a terra deve ser seguida pelo inferno; que para uma multidão de seres que se fecharam para Deus durante a vida, o próprio Deus, após a morte, não poderá alcançá-los por toda a eternidade.

Sentindo que pode ser esse número, o verdadeiro discípulo simplesmente espera com a confiança de uma criança.

Ele nunca teria pensado que a vida, que no entanto se mostra muito injusta, seria tão fundamentalmente misericordiosa com ele, porque ele espera nas promessas do Filho de Deus crucificado e ressuscitado.